GREGOREIDA

OU

Aventuras d'um filho d'Alijó dos Vinhos em Lisboa durante as festas do centenario de Camões

POEMA EM OITAVA RIMA

Composto e escripto por

Gregorio Antunes Falcão

Substituto do escrivão do juiz ordinario d'aquella importante comarca

e copiado do original manuscripto pelos siamezes do Occidente

Castor & Pollux

PREÇO 100 RÉIS

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
7, Rua da Paz, 7
1880

I

Partindo de Alijó n'uma segunda,
Porque na terça é sempre dia asiago,
Sentia dentro em mim magua profunda
Ao perder da familia o terno affago;
Mas recalquei no peito a gemebunda
Voz, que á patria faria dar mau pago,
De roupas fornecido e casacões
Para as festas parti do tal Camões.

II

Na terra saltei lesto de alfacinhas,
E sem dar o meu corpo á vil inercia,
Tratei de percorrer as estopinhas,
Como outr'ora fizera o Schah da Persia;
Comecei por ver ruas bonitinhas
Da terra do cantor da tal Natercia,
Até que já sem forças e a reboque
Fui ter á rua larga de S. Roque.

III

Oh! que não sei de pejo como o conte!
Mas calla-te Gregorio, aonde vaes?
Quando o homem não é um mastodonte
De força, de virtude, e coisas mais,
Não resiste a beber em qualquer fonte
Ou d'aguas chrystallinas ou lethaes...
Eu bebi oh! Natercia d'Alijó,
Eu bebi, mas bebi uma vez só.

IV

D'ahi parti-me a ver esse Ribeiro,
Mais extenso que as aguas do Oceano,
P'ra ver o qual não chega um mez inteiro,
Um mez que digo eu?—nem mesmo um anno;
Esse sempre de aspecto galhofeiro,
Maravilha do povo lusitano,
O que rabisca prosa n'um jornal
Que *Commercio* se diz *de Portugal*.

V

Eis sem receio algum por elle entro,
Mas deveras fiquei hirto e pasmado;
Nas abas do chapéu sentado um centro
D'esses republicanos alcunhado,
Gritava, como louco, que ali dentro
Inviolavel asylo era e sagrado,
A' policia que, em cima da bengala,
Lhes q'ria recolher ao buxo a falla.

VI

Trouxera de Alijó uns cobresitos,
Tirados do melhor de um pé de meia,
Para comer no Augusto uns jantaritos,
E uma parca, modesta e humilde ceia:
Eu armas não trazia, nem apitos,
Que os não traz quem de nada se arreceia;
Mas oh! terra de vandalos e de hunos!
Olho e leio: — Cuidado com os gatunos!»

2

VII

Eis prompto o coração me dá um baque
Tremula mão metti nas algibeiras
Das calças, do collete, do meu fraque,
Sentindo angustias fortes, verdadeiras;
Tudo tinham levado, fòra um saque!
Nem isca, nem fuzil, nem pederneiras!
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
E junto d'um penedo outro Penedo.

VIII

Outro Penedo digo, ao ver defronte
Um sujeito de aspeito venerando,
Hirto, secco, e fragoso como um monte,
Olhando para mim de quando em quando;
Mas, de espanto não sei como isto conte,
Quem era o tal sujeito perguntando,
Outro sujeito, typo menos mau,
Diz-me: é Pedro Penedo de Calhau!

IX

Passada a grande magua, mais adeante,
Com ajuda de lentes das mais fortes,
Eu vejo erguido em grosso rocinante,
Entregue a truanescas, arduas sortes,
Um pequeno guerreiro, Marte ovante,
Pequeno, mas pessoa de bons portes,
Aonde, sem que a gente antes o meça,
Se póde comer papas na cabeça.

X

Mas o fino da cousa, e que eu desejo
Contar em detalhada descripção,
Foi esse celeberrimo cortejo,
Chamado por alguns a procissão;
Nem padres, nem andores n'ella eu vejo,
Nem anjos que um soldado leve á mão,
Nem a mitra do augusto patriarcha,
Nem o sceptro dourado do monarcha.

XI

Rompia o grande prestito um piquete
D'esses municipaes, gente montada,
Seguindo os camaristas de Alcochete,
Torres, Moimenta, Abrantes, Abrigada.
Trazia cada qual um galhardete
Onde a terra p'lo nome era marcada
Quer da Moita elles fossem, de Cacem,
Lavradio, Alhos Vedros ou Belem.

XII

Os carros eram obra da mais fina,
Por mãos de mestre todos bem pintados,
E sem que se offendesse a disciplina
Por mulas artilheiras arrastados.
Mais uma vez fizera a boa sina
Que sobre ellas não fossem mascarados,
Aquelles que de Marte sendo filhos
Servindo a Ceres não perderam brilhos.

XIII

As ruas flammejantes, enfeitadas
Similhavam vistosas alamedas;
Nas janellas de colchas adornadas
De veludos, damascos e de sedas,
Gentis damas se viam reclinadas
Para os seus bardos a sorrirem ledas;
No Borges, no Gibraltar, no Alliança
Que até tanta belleza a vista cança.

XIV

A toda a gente causa grande espanto
Do Eduardinho a calva monstruosa,
Do Luciano o queixo a vêr-se tanto
Do Chagas as bochechas côr de rosa ;
Do Pequito o nariz que põe ao canto,
Lá do Egypto a pyramide famosa ;
E a muitos inda dá no goto hoje
Ramalho ir côr de burro quando foge

XIV

Não vi na procissão nenhuns archeiros,
Nem pretos de S. Jorge, nem commendas
Grã-cruzes, officiaes ou cavalleiros
Dos que no paço vivem ou nas tendas.
Camões não é um vate dos primeiros
Para ser festejado não tem prendas,
E é tolo Zé Povinho quando creia
Que vale alguma cousa uma epopeia!

XVI

Ministros nem por sombras, o governo,
Que rege e manda em cousas do paiz,
Foi de Camões amigo para o inverno
Descer dos altos solios jámais quiz.
Nem Barros da fazenda de olhar terno
Nem outro que Luciano aqui se diz,
Que em cousas d'esta ordem não são finos
E mais do que estadistas são Calinos.

XVII

Mas quem levou a palma foi o illustre
Gregorio que tambem se diz José;
Se a Musa da epopeia me der lustre
Em verso hei de mostrar o que elle é.
Mas porque a minha penna não deslustre
Outros que nada valem d'elle ao pé,
Apenas eu direi que a presidencia
Viu tudo desfilar em continencia.

XVIII

De Zé Povinho alegra ver a cara
Aberta em largos risos de ventura,
Ao ver tanto balão e festa rara,
Ao ver tantos abraços de ternura.
A Barros o Turgot elle declara
Que, se do «*apanha mais*» a cousa dura,
Vae tudo empandeirado n'um momento
Com esse imposto sobre o rendimento.

XIX

Mas eis ao longe eu ouço um borborinho,
E muita gente em susto se atropella,
E como outro Gregorio o meu paesinho
Decerto já não faz, dei á canella.
Ao ver fugir assim o Ze Povinho,
Que cousa, perguntei, seria aquella?
Tremendo alguem me diz: «attenda e escute
Já vem pelo caminho o feroz Rute.»

XX

Ouve, agora, ó Natercia de Alijó,
Cara metade em casa solitaria ;
Quando um homem por cá vaguea só,
Quer seja nobre e rico, quer um pária,
Ao ver tão isoladas, que faz dó,
Pelas janellas tanta dama varia,
A sopinha tambem quer pôr no molho,
E para ellas vae piscando o olho.

XXI

Mas não tenhas ciume, o teu Gregorio
Dado sempre a fazer estas chalaças,
Nunca chegou a ter seu fallatorio
Nem gargarejos, nem lhes disse graças;
A's vezes, com seu tom declamatorio,
Diz-lhes:—Salve, ó bella, tu que passas!
Mas é tudo só lingua, que por ti
Meu coração, Natercia, bate aqui.

XXII

Aos Recreios fui ver essa hespanhola
Por quem dizem que tudo dá cavaco,
Seus olhos são dois tiros de pistola
Que dão volta de todo ao nosso caco;
Sahi, cheio da luz que nos consola,
Meneando meu corpo, qual macaco,
E, quando ia dançando o meu *bolero*,
Gritava «*bravo, niña que salero!*

XXIII

Mas eis do magro Antunes eu diviso
A cara seria d'esta dança ao fim,
E, esboçando entre dentes um sorriso,
Taes palavras suaves diz assim:
«Na patria de Camões, só com juizo
«Se anda, caro senhor, olhe p'ra mim»
E, emquanto a desculpar-me emprego arte,
Fila-me sem dizer tir-te nem guar-te.

XXIV

La vae pobre Gregorio caminhando,
Já baixa a fronte e já curvo o pescoço,
E olhando para traz de quando em quando,
Porque já via perto o calabouço.
A sua triste sorte lastimando,
As travessas passou da Cara e Poço,
Até que entrou na casa que é visinha
De S. Carlos além na Parreirinha.

XXV

Mandar-me já queriam sem mais nada,
Tomar em Rilhafolles sério tento;
E, para me sahir d'esta embrulhada,
De tricas foi preciso ser portento,
Mas, vencida por fim a gente irada,
A' força de discursos de espavento,
Livre fiquei e, sem fazer questões,
A' praça dirigi-me de Camões.

XXVI

Mal eu chegava quando uma figura
Ali se me depara triste e esqualida,
Transparente e comprida de estatura,
De calor transpirando a fronte calida.
Ao vêr um tal espectro, inda me dura
O terror que me fez a face pallida;
E, como ao vêr o fogo de Santelmo
Assim me arripiei ao vêr Anselmo.

XXVII

Passado o amargo transe, veio á falla,
Porque elle é dado a andar com boa gente,
Tem modos de quem sabe entrar em sala,
E é pessoa mui fina e mui decente.
Como para partir, já tinha a mala,
Mas antes q'ria ouvir alguem fluente,
Perguntei-lhe se além no parlamento
Ninguem discursaria em tal momento.

XXVIII

Disse-me haver por lá gente que estuda
Demosthenes e Ciceros em barda,
Mas que o poder occulto anda na muda,
E já não quer ao rei pedir albarda.
Que os mais são gente boa, arraia miuda,
Que de muitas palavras se resguarda,
Afim de que ao fazer qualquer discurso
Não os vejam fazer figura de urso.

XXIX

E esse que pae se diz dos bellos ovos?
Eu perguntei com muita anciedade,
Que faz, que diz, que pensa, e quantos novos
Trabalhos terá feito na cidade?!...
Esse, replica Anselmo, é já nos povos
Fallado pela muita seriedade;
E nas questões não entra comesinhas,
Pois tem de sustentar suas gallinhas.

XXX

Mais ía a por deante, eis senão quando,
Anselmo se converte em nuvem leve,
E o corpo transparente adelgaçando
Desfaz-se como um floco de alva neve;
Nos espaços ethereos caminhando
Sorrindo para mim diz-me «até breve»
E deixa-me sósinho n'um cavaco
Apenas c'os botões do meu casaco.

XXXI

Mas sobre mim velava a Providencia;
Eis vejo ao longe um vulto forte e ingente,
De tão grande, disforme corpulencia
Que até só de o vêr se espanta a gente;
Eu vendo esta phantastica apparencia
D'elle quero fugir;—mas de repente,
Não tema, me diz elle abrindo a capa,
Não fujas, o prior eu sou da Lapa.

XXXII

Sou esse decantado secretario
Que a tanta gente assusta e mette medo,
E junto de Adriano o meu fadario
Eu vou cumprindo prasenteiro e ledo.
Quero mostrar te tudo o que ha de vario
Além das phases mil d'este folguedo,
E o melhor eu serei dos cicerones
Só não poderás ver a Moriones.

XXXIII

As pilecas de praça tão escorridas,
Compridas como as fallas do Adriano,
Aos recantos da rua adormecidas
Gemiam sob o açoute deshumano.
Eu, que sentia as pernas já perdidas
De tanto esforço e choque sobrehumano,
Afim de ver d'esta Lisboa a joia
Com elle me metti n'uma tipoia.

XXXIV

Fomos d'ali a casa onde a familia
De Adriano o eterno massador,
Ouvia d'este prolongada homilia
Acerca da Natercia e seu cantor;
Mas eu que tinha já certa quesilia
A fallas que já sei fazem horror,
Disse que ver queria, com tom franco,
Cavallo de Assumpção que chamam branco.

XXXV

Estava este encostado á mangedoura,
Nobre de aspecto e de corrente presa,
Em cocheira que o sol alegre doura,
Comendo como se estivesse á mesa;
A crina assetinada e a cauda loura
Batendo sobre os flancos com surpreza
De ver que outros que não o Assumpção
D'elle fallam com certa entonação.

XXXVI

D'ali fomos a ver dilecto filho
Da Musa que preside á alegre dança,
E que, seguindo de Vestris o trilho,
Nas lides coregraphicas não cança.
Justino se diz elle, esse caudilho
Dos alegres folguedos de creança,
E seu corpo meneia com tal graça
Que d'um saguí parece ter a raça.

XXXVII

Como as letras p'ra mim são sacro culto,
E já mandei Natercia para a escola,
Eu, cheio de prazer, em gaudio exulto
Quando vejo uma dama que a viola
No saco faz metter a qualquer vulto
D'esses de grande fama, alta bitola,
Em terra onde é um rei qualquer lapuz
Que saiba mais do que assignar de cruz.

XXXVIII

E o sacro padre que eu levava ao lado
O augusto cicerone que seguia,
Conhecendo que eu estava desejado
De vêr letrada dama ao claro dia,
Junto de uma levando-me apressado,
Que almanachs fazendo ali se via,
Um vulto me mostrou gordo e sem par,
Que disse ser a dona Guiomar.

XXXIX

Enorme de volume era esta dama,
Mas eis com outro vulto eu arremetto
Por quem tambem cantou tuba da fama
Dando ares do Neptuno do Loreto.
Era elle esse colono que se chama
Manoel Geraldes de Vaz Preto,
O que teve combate do mais rijo
Lá nas plagas e ostreiras de Montijo.

XL

A fama já correra lá na terra
Que, tendo com Emygdio atroz disputa,
Das ostras que Montijo tanto encerra
Seis duzias engulira n'essa lucta;
E como, por tal cousa, afflicto berra,
Co' a face afogueada e resoluta,
Aquellas que de perto o escutaram
Taes ostras longo tempo memoraram.

XLI

E vi a face nedia d'esse O'besta
Do reino um par em lides assombroso
De Vivas a bojuda face honesta
E Candido, o orador o mais famoso;
Vi gente em que se falla, que não presta
E cujos nomes proferir não ouso,
E á porta do Baltresqui, torvo e irado,
O rosto sobranceiro do Ratado.

XLII

Saraiva tambem vi, o do casaco,
Que tanto que fallar deu em Lisboa,
Aquelle que na vida tem seu fraco,
A juros emprestar se a cousa é boa.
Esse que, incendiando o pobre caco,
Jurou, erguendo aos ceus a altiva prôa,
Soltar no meio da rua fortes gritos
No paço dos monarchas pôr escriptos.

XLIII

Da tribuna Angelina ouvi a voz,
Não a dizer sonetos de Petrarcha,
Não a fallar em linhas, nem retroz,
Nem no bragal que deve estar na arca;
Mas dando de conselho a todos nós
Que comessemos bifes de monarcha!
Oh! Natercia vê lá tu que arrelia
Comer carne de gente, carne fria!

XLIV

Mas, de repente, olhando a mão fechada
Do meu caro prior tão nedio e ledo,
Como no espaço a estrella da alvorada,
Não vi brilhar o annel no grosso dedo.
De que elle o tenha em rua já passada
Perdido ou lh'o roubassem tenho medo,
Quando o ouço dizer e com socego
«Não faça caso que já está no prego»

XLV

Fomos então, por trilhos retirados,
Ver onde estava a joia á dependura,
Porque já tinha juros atrazados
E elle q'ria pagal-os com lisura,
Vi sujeitos, com cara de enforcados,
Emprestando nas ruas da amargura,
Vidal e Córadinho e outros quejandos,
Preguistas de Lisboa os mais nefandos.

XLVI

Não sei se 'inda se lembram que roubado
Eu fôra sem saber dizer por quem,
De fórma que, sem nada ter comprado,
Em Lisboa me achava sem vintem.
Puchei logo do bolso, aqui do lado,
Relogio que trouxera por meu bem,
E, á luz amarellada de uma vela
Recebi do preguista uma cautella.

XLVII

De Natercia os desejos recordando,
Eu quiz levar-lhe cousa que a alegrasse,
Collar, pulseira, ou broche que ostentando
As visinhas de inveja rebentasse.
E como, pela mente em vão puchando,
Cousa q'ria que a bolsa não escaldasse,
Sem mais pensar parti-me d'uma vez
Para a Rua do ouro 103.

XLVIII

O' Musa do reclame, vae-te embora,
(Mas a cousa em verdade foi barata,)
Compradas umas prendas sem demora,
Eu fui dos estadistas ver a nata.
Parodia do Gambetta lá de fóra,
Um marquez de Pombal feito de lata,
E, embora charlatão ou grande vulto,
Todos lhe chamam o *Poder occulto.*

XLIX

Na ossuda face livida, amarella,
A tratada de Torres poz signaes,
E, em S. Roque encostado na janella,
Suspirava soltando tristes ais.
Nem o alegram dichotes da panella
Que redige o *Pimpão* e outros jornaes,
Nem tanta gente que a folgar passava,
Nem o nariz de entrudo do Minhava.

L

Mas no meio de tantos episodios,
Eu vejo louro moço, que me fita,
E que, ao ver-me mettido em varios brodios,
Para outros amigos assim grita:
«Se de Alijó os filhos tão serodios
Esta grande cantata não excita,
Poder executivo applico lesto,
Para darem o corpo ao manifesto.

LI

E logo vejo adeante outro mancebo,
Com cara de vidrado e fundo tacho.
Que dizem, mas comtudo não percebo,
No lapis ter pilherias do diacho.
Que mostra que um Narciso é sempre um gebo,
Que os genios são ridiculos por baixo,
Que muita gente da Parvonia o solo
Pisa sem ter nem raça de miolo.

LII

«Este que vês, Gregorio, é o Bordallo,
Da Lusa gente tido em muito apreço,»
Me diz prior da Lapa, a quem eu fallo
Como a amigo que ha muito já conheço.
«A pé me tem pintado e a cavallo,
E em *posições* ratonas que não esqueço,
Mas cá o amigo padre não se *escama*,
Porque estas cousas servem de dar fama.»

LIII

Mas já nas longas sombras do occidente
Se via a luz do sol a escurecer,
Quando bato na testa e de repente
Me lembro que são horas de comer;
Como outr'ora em barraca do Vicente,
Passara doces horas a beber,
A sitio fomos ter onde em panellas
Frigiam boas iscas e com *ellas*.

LIV

Já fartos e repletos d'esta festa,
Como tudo estivesse ali sosinho,
E como ali se visse prompta e lesta
A lyra sonorosa do fadinho,
Passamos loucamente a boa sesta,
Tocando elle na *banza* o corridinho,
Emquanto eu, em escovinhas de rachar,
O fado de Camões puz me a dançar.

LV

Contar eu desajava o que o da Lapa
Depois da dança ao fim me relatou,
Comendo algumas duzias das da Sapa
Queijadas famosissimas, mas sou
Pelo tempo que a boca hoje me tapa,
Como rolha que muito se apertou,
Obrigado a callar casos extranhos
Que nunca em vida minha ouvi tamanhos.

LVI

E agora adeus, cidade estremecida,
O' terra de Lucianos e Càlinos,
Eu vou cantar em verso a alegre vida,
Eu vou compôr os mais brilhantes hymnos;
E se a minha Natercia tão querida
Não fizesse eu soffrer, dos crystallinos
Olhos que Deus me deu, tirava um só
Para Camões ficar em Alijó.

LVII

Parti levando n'alma a doce esp'rança
De que, se nada a isto fôr contrario,
Este corpo que em lides se não cança
Ha de voltar aqui e solitario.
Porque a minha Natercia é tão creança,
Que andar com ella é sempre mau fadario,
Esta noite lá volto pr'a botica,
Mas um grande poema ahi lhes fica.